



Mais de 1 milhão e meio de exemplares vendidos

A ESPADA DO DESTINO

ANDRZEJ SAPKOWSKI

A saga do bruxo Geralt de Rívia – Livro 2

A ESPADA DO DESTINO

Andrzej Sapkowski



wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2013

ÍNDICE

O limite do possível

Um fragmento de gelo

O fogo eterno

Um pequeno sacrifício

A espada do destino

Algo mais

O LIMITE DO POSSÍVEL

I

– Ele não sairá mais dali – disse o pustulento, meneando a cabeça com convicção. – Faz mais de uma hora e quinze minutos que ele entrou. Já era.

O pessoal do lugar permanecia calado no meio das ruínas, com os olhos fixos na negra abertura entre os escombros, uma entrada semioculta para o subsolo. Um homem corpulento trajando um gibão amarelo deu alguns passos, pigarreou e tirou da cabeça uma boina amassada.

– Vamos esperar mais um pouco – afirmou, enxugando o suor das ralas sobrancelhas.

– Para quê? – rosnou o pustulento. – O senhor prefeito se esqueceu de que lá, nas masmorras, vive um basilisco? Todo aquele que entrar ali pode ser dado por morto. Por acaso foram poucos os que sumiram para sempre naquele buraco? Portanto, esperar por quê?

– Mas foi o que combinamos – respondeu o gordão, hesitante.

– O senhor combinou com um homem vivo, senhor prefeito – falou um gigante metido num avental de açougueiro. – E aquele lá está morto mesmo, sem sombra de dúvida. Já era sabido de antemão que ele estava indo para a

morte certa, assim como aqueles que o precederam. Além do mais, ele nem chegou a levar um espelho, apenas sua espada. E todos sabem que sem um espelho não é possível matar um basilisco.

– O senhor acabou economizando uns trocados, prefeito – acrescentou o pustulento –, já que não terá a quem pagar pelo basilisco. Portanto, volte tranquilamente para casa. Quanto ao cavalo e aos pertences do feiticeiro, nós cuidaremos deles; seria uma pena deixá-los jogados por aí.

– É isso mesmo – concordou o açougueiro. – Uma bela égua e alforjes cheios. Vamos dar uma espiada dentro deles.

– Esperem aí! O que vocês pretendem?

– Fique caladinho, senhor prefeito, e não se meta onde não foi chamado se não quiser acabar com um galo na cabeça – advertiu o pustulento.

– Bela égua – repetiu o açougueiro.

– Deixe esse cavalo em paz, meu querido.

O açougueiro virou-se lentamente na direção de um desconhecido que saíra de uma brecha no muro às costas da multidão que se aglomerara em torno da entrada ao calabouço.

O desconhecido, de cabeleira castanha encaracolada, vestia uma túnica acolchoada marrom, calçava botas de montaria de cano alto e não portava arma.

– Afaste-se do cavalo – insistiu, sorrindo de modo mordaz.

– O que significa isso? O cavalo não é seu, tampouco os alforjes, e, assim mesmo, você lança sobre eles seu olhar ávido e estende seus braços infames em sua direção? Isso é coisa que se faça?

O pustulento, enfiando lentamente a mão no bolso do

*image
not
available*

empunhaduras de espadas.

Lentamente, muito lentamente, o pustulento dobrou os joelhos e deixou a faca cair no chão.

Do buraco nos escombros emanou um barulho de pedras desabando e logo emergiram da escuridão duas mãos, que se agarraram às danificadas bordas do muro. Depois apareceram, pouco a pouco, uma cabeça de cabeleira branca polvilhada de pó de tijolos, um rosto pálido e um ombro revelando a empunhadura de uma espada. Um murmúrio percorreu a multidão.

O homem de cabelos brancos retirou do buraco um corpo esquisito, coberto de pó misturado com sangue. Puxando o estranho ser pela longa cauda crocodiliana, atirou-o sem dizer uma palavra aos pés do gordo prefeito. Este deu um pulo para trás, tropeçou num fragmento de muro e ficou olhando para o bico de pássaro arqueado, para as asas membranosas e para as garras recurvadas nas patas cheias de escamas. Viu a inchada goela – que já fora carmim e, agora, era ruivo-suja – e os olhos cavados e vítreos.

– Eis o basilisco – falou o homem de cabelos brancos, sacudindo o pó de tijolos das calças. – Conforme combinado, gostaria de receber meus duzentos lintares.

O prefeito sacou sua bolsa com mãos trêmulas. O homem de cabelos brancos olhou em volta, retendo o seu olhar por um instante no pustulento e na faca caída a seus pés. Depois, observou o homem de túnica marrom e as duas jovens com peles de raposa.

– É sempre assim – afirmou, tirando a bolsa das mãos do prefeito. – Eu arrisco meu pescoço por uns trocados e, enquanto isso, vocês querem se apossar de meus pertences. Vocês nunca vão mudar, seus miseráveis.

– Seus pertences estão intactos, senhor – murmurou o açougueiro, ao mesmo tempo que os dois grandalhões com porretes se misturavam na multidão. – Ninguém tocou neles.

– O que me alegra muito – sorriu o homem de cabelos brancos. – E é por isso que você também não será tocado. Vá em paz, mas rápido, antes que eu mude de ideia.

Ao ver aquele sorriso, que mais parecia uma ferida aberta no pálido rosto do matador do basilisco, a multidão começou a se dispersar. O pustulento também queria partir. As pústulas ficaram ainda mais nítidas no rosto empalidecido.

– Espere um momento – disse-lhe o homem de túnica marrom. – Você se esqueceu de um detalhe.

– Qual detalhe, meu senhor?

– O de você ter sacado uma faca contra mim.

A mais alta das jovens plantou-se com as pernas abertas e girou agilmente o quadril. A espada, sacada da bainha não se sabia quando, sibilou ameaçadoramente. A cabeça do pustulento rodopiou no ar, caindo no buraco da masmorra, enquanto seu corpo desabava rija e pesadamente no meio dos tijolos esmigalhados. A multidão soltou um grito de pavor. A segunda jovem segurou a empunhadura da espada e virou-se rapidamente com o intuito de proteger as costas da companheira. Não foi preciso. A multidão, tropeçando e caindo nas ruínas, fugia para a cidade o mais rápido que as pernas lhe permitiam. À frente de todos, saltando com impressionante agilidade, corria o obeso prefeito, apenas a alguns passos do gigantesco açougueiro.

– Belo golpe – comentou friamente o homem de cabelos brancos, protegendo os olhos contra o sol com a mão enfiada numa luva negra. – Um belo golpe de uma espada zerricana. Curvo-me respeitosamente diante da perícia e da beleza das

guerreiras de Zerricânia. Sou Geralt de Rívia.

– E eu sou Borch, conhecido como Três Gralhas – respondeu o homem de túnica marrom, apontando para um desbotado brasão bordado na parte da frente de seu traje, com a imagem de três aves negras pousadas num campo dourado. – E estas são minhas duas jovens: Tea e Vea. É como eu as chamo, pois seus verdadeiros nomes são difíceis de pronunciar. As duas, como o senhor acertou, são zerricanas.

– E é graças a elas que eu ainda tenho minha égua e minhas coisas. Muito obrigado, bravas guerreiras, e também lhe agradeço, senhor Borch.

– Três Gralhas. E não me trate por “senhor”. Existe algo que o prenda a este lugarejo, Geralt de Rívia?

– Nada; muito ao contrário.

– Ótimo. Tenho uma proposta: perto daqui, na encruzilhada junto do caminho ao porto fluvial, há uma taberna chamada O Dragão Pensativo. Não há cozinha que se iguale em toda a região. Estava dirigindo-me até lá para comer algo e passar a noite. Ficaria muito contente se você aceitasse fazer-me companhia.

– Borch – falou o homem de cabelos brancos, virando-se de sua montaria e fitando o desconhecido diretamente nos olhos –, não gostaria que surgisse algum mal-entendido entre nós. Sou bruxo.

– Foi o que imaginei, mas percebi que você falou isso como se estivesse dizendo: “Sou leproso”.

– Há pessoas – respondeu pausadamente Geralt – que prefeririam a companhia de um leproso à de um bruxo.

– E há quem prefira a companhia de ovelhas à de mulheres – riu Três Gralhas. – O que se pode fazer com pessoas assim?

Somente sentir pena delas, tanto de umas como das outras.
Renovo minha proposta.

Geralt tirou a luva e apertou a mão que lhe estava sendo estendida.

– Aceito, e me alegro muito por tê-lo conhecido.

– Portanto, sigamos em frente, porque estou começando a ficar com fome.

II

O taberneiro limpou com um pano o áspero tampo da mesa e sorriu. Faltavam-lhe os dois dentes da frente.

– Pois é... – falou Três Galhas, olhando para o teto esfumaçado e cheio de teias de aranhas. – Em primeiro lugar, cerveja, e, para que você não tenha de andar muito, traga logo um barril inteiro. Já como tira-gosto para acompanhar a cerveja... o que você nos sugere, meu querido?

– Queijo? – arriscou o taberneiro.

– Não – respondeu Borch, fazendo uma careta. – O queijo você vai servir na sobremesa. Para acompanhar a cerveja, queremos algo azedo e picante.

– Pois não. – O taberneiro sorriu ainda mais, mostrando que os dois dentes da frente não eram os únicos que lhe faltavam. – Enguias em alho com azeite e vinagre ou então pimentões verdes em salmoura.

– Ótimo. Traga os dois e, em seguida, aquela sopa que já tomei aqui, cheia de moluscos, peixinhos e outras pequenas delícias.

– Sopa dos balseiros?

– Isso mesmo. Depois, cordeiro assado com cebola e,

então, cinco dúzias de caranguejos. Em seguida, queijo de cabra com salada. Por enquanto é só.

– Pois não. O mesmo para todos, ou seja, quatro porções?

A zerricana mais alta meneou negativamente a cabeça, batendo com a palma da mão na cintura coberta por uma apertada blusa de linho.

– Esqueci – disse Três Galhas, piscando maliciosamente para Geralt – que as meninas estão zelando pela silhueta. Senhor taberneiro, o cordeiro é apenas para nós dois. Traga já a cerveja e as enguias marinadas. Quanto ao restante do pedido, espere um pouco, para que não esfrie. Não viemos aqui para comer como glutões, mas para passar um tempo conversando.

– Entendido – respondeu o taberneiro, inclinando-se respeitosamente.

– A sagacidade é fundamental em seu ramo de negócio. Estique a mão, meu querido.

Ouviu-se o tilintar de moedas de ouro, e o taberneiro sorriu até o limite que a boca lhe permitia.

– Isso não é um adiantamento do que terei de lhe pagar – informou-o Três Galhas. – É um extra. E agora, meu bom homem, corra para a cozinha e prepare nossa comida.

No interior da taberna fazia calor. Geralt desafivelou o cinturão, tirou o gibão e enrolou as mangas da camisa.

– Pelo que vejo – falou –, não lhe falta dinheiro. Você desfruta os privilégios do feudalismo?

– Em parte – sorriu Três Galhas, sem entrar em detalhes.

Em pouco tempo acabaram com as enguias e com um quarto do barril de cerveja. As duas zerricanas não fizeram cerimônia com a bebida, de modo que ficaram alegres e

animadas, sussurrando entre si. Veia, a mais alta, repentinamente soltou uma gargalhada.

– As meninas falam a língua comum? – perguntou Geralt em voz baixa, olhando de soslaio para elas.

– Não muito. Além do mais, elas não são tagarelas, o que é uma grande virtude. Que tal a sopa, Geralt?

– Humm.

– Bebamos.

– Humm.

– Geralt – disse Três Gargalhas, pondo de lado a colher e soltando um discreto arrote –, voltemos por um momento à conversa que mantivemos enquanto vínhamos para cá. Pelo que pude entender, você é um bruxo que viaja de um canto do mundo a outro e, caso encontre um monstro pelo caminho, mata-o em troca de dinheiro. É nisso que consiste a profissão de bruxo?

– Mais ou menos.

– E o que acontece quando você é chamado para realizar uma tarefa específica? Você a aceita e executa?

– Depende de quem me chamar e para fazer o quê.

– E de quanto se oferecer.

– Sim, também. Tudo está ficando mais caro e é preciso viver, como costuma dizer uma amiga feiticeira.

– Uma abordagem bastante seletiva, diria até que prática. Contudo, no fundo sempre existe uma ideia básica, Geralt. O conflito entre as forças da Ordem e as forças do Caos, como dizia um feiticeiro meu conhecido. A imagem que eu tinha de alguém como você é a de quem cumpre uma missão e defende as pessoas do Mal, não importando quando nem onde, e sem discriminação alguma. Achava que você se mantinha de um

dos lados claramente definidos da paliçada.

– Forças da Ordem e forças do Caos. Que palavras mais sonoras, Borch! Você faz questão de me colocar de um dos lados da paliçada num conflito que, pelo que se acredita universalmente, é eterno, que começou muito antes de nós e que continuará existindo quando não estivermos mais aqui por muito tempo. De que lado fica o ferreiro que ferra as cavalgadas? Ou, então, nosso taberneiro, que, neste exato momento, está vindo para cá com o cordeiro assado? O que, em sua opinião, define a fronteira entre o Caos e a Ordem?

– Uma coisa extremamente simples – respondeu Três Galhas, fixando os olhos diretamente nos de Geralt. – Aquilo que representa o Caos é uma ameaça, é o lado agressivo. Já a Ordem é a parte ameaçada, que tem de ser defendida e precisa de um defensor. Mas vamos fazer uma pausa para tomar uns tragos e atacar o cordeiro.

– De acordo.

Como as zerricanas estavam zelando pela silhueta, elas pararam de comer e passaram a beber em ritmo mais acelerado. Vea, inclinada sobre o ombro da companheira, estava mais uma vez sussurrando algo, roçando o tampo da mesa com a trança. Tea, a mais baixa, riu prazerosamente, com as pálpebras tatuadas semicerradas.

– Muito bem – falou Borch, roendo um osso. – Se concordar, vamos retomar nossa conversa. Pelo que entendi, você não está encantado com a ideia de se colocar do lado de qualquer uma das forças. O que você quer é, simplesmente, exercer sua profissão.

– Sim.

– No entanto, não conseguirá se livrar do conflito entre o Caos e a Ordem. Embora tenha feito uma comparação com o

ferreiro para provar seu ponto de vista, você não é ferreiro. Vi como trabalha. Você adentra uma cava em ruínas e retira de lá um basilisco destroçado. Existe, meu caro, uma enorme diferença entre ferrar um cavalo e matar um basilisco. Você acabou de dizer que, caso a recompensa seja condigna, vai até o fim do mundo para acabar com um monstro que lhe seja indicado. Digamos um furioso dragão que cos...

– Você escolheu o exemplo errado – interrompeu-o Geralt.
– Logo de saída, fez uma baita confusão, porque não mato dragões, apesar de eles serem, sem dúvida, representantes do Caos.

– O quê? Você não mata dragões? – espantou-se Três Galhas, lambendo os dedos. – Afinal, imagino que o dragão seja o mais terrível, o mais cruel e o mais encarniçado de todos os monstros. É o mais asqueroso dos répteis. Ele ataca pessoas, lança chamas pelas ventas e rapta as... como se diz mesmo?... ah, sim, as donzelas. Você não ouviu suficientes histórias sobre isso? Não posso acreditar que você, um bruxo, não tenha diversos dragões no rol de suas vítimas.

– Eu não caço dragões – disse Geralt secamente. – Forcaudos, osluzgos, dermopteras, sim, mas não dragões. Nem os verdes, nem os negros, tampouco os vermelhos. Acredite no que estou dizendo.

– Você me surpreende – falou Três Galhas. – Muito bem, acredito. Contudo, não falemos mais sobre dragões por enquanto; vejo algo vermelho no horizonte e tenho certeza de que são nossos caranguejos. Bebamos!

Tratava-se realmente dos caranguejos, e os dois homens passaram a destroçar com os dentes as vermelhas carapaças e a sugar a saborosa carne branca. A salgada água do mar ardia na boca e escorria por entre os dedos. Borch continuou

servindo a cerveja, já raspando com o caço o fundo do barril. As zerricanas ficaram ainda mais alegres, lançando olhares desafiadores pela taberna. O bruxo tinha certeza de que estavam procurando um pretexto para criar confusão. Três Galhas também deve ter pensado o mesmo, pois as ameaçou com um caranguejo que segurava por uma das patas. As jovens deram uma risadinha marota, e Tea, juntando os lábios como se fosse dar um beijo, semicerrou os olhos de maneira coquete, o que, em seu rosto tatuado, produziu uma impressão bastante macabra.

– Elas são selvagens como lince – rosnou Três Galhas para Geralt. – É preciso ficar de olho nelas o tempo inteiro. Com elas, meu querido, basta um momento de distração e o chão se cobre de tripas. Mas valem qualquer preço. Se você soubesse do que são capazes...

– Sei – respondeu Geralt. – Dificilmente você acharia uma escolta melhor. As zerricanas são guerreiras natas, treinadas para lutar desde a mais tenra idade.

– Não era a isso que me referia – falou Borch, cuspiendo sobre a mesa uma pata de caranguejo. – Referia-me a como elas são na cama.

Geralt lançou um olhar nervoso para as jovens. Ambas sorriram. Veia, com um movimento rapidíssimo, quase imperceptível, pegou um caranguejo da travessa. Encarando o bruxo com olhos semicerrados, despedaçou a carapaça. Seus lábios brilharam, umedecidos pela água salgada. Três Galhas arrotou, dessa vez abertamente.

– Quer dizer, Geralt – disse –, que você não caça dragões, nem os verdes nem os das outras duas cores. Registre essa informação. E por que, se é que posso perguntar, somente os dessas três cores?

– Quatro, para sermos exatos.

– Você mencionou apenas três.

– Vejo que está muito interessado em dragões. Algum motivo especial?

– Não. Simples curiosidade.

– Compreendo. Quanto às cores, é essa a descrição comum dos verdadeiros dragões, embora não seja totalmente precisa. Os dragões verdes, os mais populares, tendem mais para o cinza, assim como simples osluzgos. Os vermelhos são mesmo vermelhos ou da cor de tijolo. Já os enormes dragões marrom-escuros costumam ser chamados de negros. Os mais raros são os dragões brancos; nunca cheguei a ver um. Dizem que eles vivem mais ao norte.

– Interessante. E você sabe de que outros dragões ainda ouvi falar?

– Sei – respondeu Geralt, tomando mais um gole de cerveja. – Dos mesmos que eu. Dos dourados. Só que eles não existem.

– E em que você se baseia para fazer tal afirmação? No fato de jamais ter visto um? Pelo que você acabou de dizer, você também nunca viu um branco.

– Não se trata disso. Nas regiões do além-mar, como Ofir e Zangweb, há cavalos com listras pretas. Também nunca os vi, mas sei que existem. Em contrapartida, um dragão dourado é apenas um ser mítico, lendário, como a fênix. Fênicas e dragões dourados não existem.

Vea, apoiada sobre os cotovelos, olhava para ele com interesse.

– Você deve saber o que está falando; afinal, é um bruxo – falou Borch, pegando mais cerveja do barril. – No entanto,

acredito que todo mito e toda lenda devem ter algumas raízes, e estas têm um quê de verdade.

– E têm – confirmou Geralt. – Na maioria das vezes são sonhos, desejos ocultos, nostalgias. A fé de que não existe um limite para o possível ou, vez por outra, um acaso.

– Exatamente, um acaso. Quem sabe se uma vez não existiu um dragão dourado, uma mutação única e irreproduzível?

– Se existiu, então teve o mesmo destino de todos os mutantes. – O bruxo virou a cabeça. – Diferenciava-se demais para sobreviver.

– Espere um momento – retrucou Três Galhas. – Você está renegando as leis da natureza, Geralt. Aquele feiticeiro meu amigo costuma dizer que na natureza todos os seres têm sua continuidade e conseguem sobreviver de uma ou outra maneira. O fim de um é o começo de outro. Não existe limite para o possível. Pelo menos, não na natureza.

– Esse seu amigo feiticeiro é um grande otimista. No entanto, ele não levou em consideração um fato fundamental: os erros cometidos pela natureza ou por aqueles que ousam brincar com ela. Caso tivessem existido, tanto o dragão dourado quanto os outros mutantes como ele não poderiam ter perdurado. Eles teriam se defrontado com o muito natural limite do possível.

– E que limite seria esse?

– Os mutantes são estéreis, Borch – respondeu Geralt em voz baixa, com os músculos da face tremendo de modo violento. – Somente nas lendas sobrevive aquilo que não pode perdurar na natureza. Apenas as lendas e os mitos desconhecem o limite do que é possível.

Três Galhas permaneceu calado. Geralt olhou para as

jovens, que ficaram repentinamente sérias. De modo inesperado, Vea inclinou-se em sua direção e abraçou seu pescoço com o braço musculoso. Geralt sentiu na bochecha o toque de seus lábios umedecidos de cerveja.

– Elas gostam de você – disse Três Galhas lentamente. – Por mais estranho que possa parecer, elas gostam de você.

– E o que há de estranho nisso? – indagou o bruxo, com um sorriso triste.

– Nada. Mas isso tem de ser comemorado condignamente. Taberneiro! Mais um barril de cerveja!

– Não exagere. No máximo, uma jarra.

– Duas jarras! – gritou Três Galhas. – Tea, preciso sair por um momento.

A zerricana se ergueu, pegou a espada do banco e lançou um olhar provocador pela sala. Embora alguns pares de olhos tivessem previamente olhado com cobiça para a recheada bolsa de dinheiro de Três Galhas, ninguém teve disposição de segui-lo quando ele, andando meio trôpego, saiu da taberna. Tea deu de ombros e seguiu o patrão.

– Como é seu nome verdadeiro? – perguntou Geralt à jovem que ficara à mesa.

Vea mostrou seus dentes brilhantes em um sorriso. Sua blusa estava desamarrada quase ao limite do possível, e o bruxo não tinha dúvida alguma de que aquela era uma segunda provocação aos ocupantes da sala.

– Alveaenerle.

– Bonito – falou Geralt, certo de que a zerricana faria beicinho e piscaria para ele. Não se enganou.

– Vea?

– Hã?

– Por que vocês acompanham Borch? Logo vocês, guerreiras livres? Pode responder?

– Humm...

– Humm, o quê?

– É que ele é... – A zerricana ficou pensativa, procurando a palavra adequada. – Ele é... o mais... formoso.

O bruxo meneou a cabeça. Não era a primeira vez que os critérios adotados pelas mulheres para avaliar o aspecto físico dos homens eram um enigma para ele.

Três Galhas retornou à taberna abotoando as calças e dando novas ordens ao taberneiro. A dois passos dele, Tea, fingindo estar entediada, percorreu atentamente a sala com o olhar, do qual os comerciantes e balseiros esforçaram-se para desviar. Enquanto isso, Vea, depois de sugar a carne de mais um caranguejo, não parou de lançar olhares insinuantes para o bruxo.

– Encomendei mais uma enguia, desta vez assada – informou Três Galhas, sentando-se pesadamente. – Cansei desses caranguejos e fiquei com mais fome ainda. Arrumei estada para você, Geralt. Não faz o menor sentido você ficar vagando por aí à noite. Vamos nos divertir. À saúde de vocês, meninas!

– Vessekheal – falou Vea, batendo com seu caneco contra o dele.

Tea piscou e se espreguiçou, mas, contrariando a expectativa de Geralt, seu atraente busto não rasgou a frente da blusa.

– Vamos farrear – disse Três Galhas, inclinando-se sobre a mesa e dando um tapinha no traseiro de Tea. – Vamos nos divertir à beça, caro bruxo. Ei, taberneiro! Aproxime-se!

O taberneiro veio rapidamente, enxugando as mãos no avental.

– Você teria uma tina? Uma daquelas de lavar roupa, sólida e grande?

– Quão grande, senhor?

– Para quatro pessoas.

– Para... quatro... – gaguejou o taberneiro, com a boca aberta.

– Para quatro – confirmou Três Galhas, sacando sua bolsa.

– Certamente temos – respondeu o dono do estabelecimento, lambendo os beiços.

– Ótimo – riu Borch. – Mande que a coloquem em meu quarto e encham de água quente. Rápido, meu querido. E mande também que levem cerveja, três jarras.

As zerricanas deram risadinhas e piscadelas simultâneas.

– Qual das duas você prefere, Geralt? – indagou Três Galhas.

O bruxo coçou a cabeça.

– Sei que é difícil escolher – falou Três Galhas, com voz compreensiva. – Às vezes, até eu fico atrapalhado. Muito bem, vamos pensar nisso quando estivermos dentro da tina. Ei, meninas! Ajudem-me a subir as escadas!

III

Na ponte havia um obstáculo em forma de cancela: uma longa e pesada viga apoiada sobre estacas de madeira. Na frente e atrás dela estavam postados alabardeiros vestidos com casaco de couro tacheado e capuz pontudo. Sobre a

cancela esvoaçava uma bandeira púrpura com a imagem de um grifo prateado.

– Que diabo será isso? – espantou-se Três Gralhas, cavalgando devagar na direção da ponte. – Não se pode passar?

– Onde está o salvo-conduto? – perguntou o alabardeiro mais próximo, sem tirar da boca um palito que mordiscava não se sabia se por fome ou por não ter nada melhor a fazer.

– Que salvo-conduto? O que está acontecendo? Uma epidemia de peste negra? Uma guerra? Quem lhes ordenou bloquear a passagem?

– O rei Niedamir, senhor de Caingorn – respondeu o guarda, sem tirar o palito da boca e apontando para a bandeira. – Sem o salvo-conduto ninguém pode aproximar-se das montanhas.

– Deve ser um engano – falou Geralt, com voz cansada. – Não estamos em Caingorn, mas nos domínios de Holopole. E é Holopole, e não Caingorn, que tem o direito de cobrar pedágio nas pontes do Braa. O que Niedamir tem a ver com isso?

– Não perguntem a mim – disse o guarda, cuspiendo o palito. – Isso não me diz respeito. Minha função é verificar os salvo-condutos. Se quiserem, podem falar com nosso decurião.

– E onde está ele?

– Lá atrás do posto aduaneiro, pegando um solzinho – respondeu o alabardeiro, sem olhar para Geralt, mas sim para as desnudas coxas das zerricanas, confortavelmente montadas nos cavalos.

O decurião estava sentado numa pilha de ressecados troncos de árvores e, com a ponta da haste de sua alabarda,

desenhava na areia uma mulher, ou melhor, uma parte dela, vista de um ângulo pouco comum. A seu lado, dedilhando suavemente as cordas de um alaúde, encontrava-se um homem esbelto de chapeuzinho cor de ameixa com uma fivela de prata e uma longa pluma de garça irrequieta.

Geralt conhecia aquele chapeuzinho e aquela pena, famosos desde Buina até Yaruga e conhecidos em todas as cortes, castelos, tabernas, estalagens e, principalmente, prostíbulos.

– Jaskier!

– O bruxo Geralt! – Sob o chapeuzinho destacou-se um par de alegres olhos azul-escuros. – Ora, vejam! Você por aqui? Por acaso você não teria um salvo-conduto?

– Que droga de salvo-conduto é esse? – perguntou Geralt, saltando do cavalo. – O que está acontecendo aqui, Jaskier? O cavaleiro Borch Três Gralhas, eu e nossa escolta queríamos passar para a outra margem do Braa e, pelo jeito, não podemos.

– O mesmo ocorre comigo – respondeu Jaskier, erguendo-se, tirando o chapeuzinho e fazendo uma reverência exagerada para as duas zerricanas. – Imaginem que esse decurião, que, como vocês mesmos podem constatar, também é artista, não deixa passar para o outro lado a mim, Jaskier, o mais famoso menestrel e poeta num raio de mil milhas.

– Não vou deixar passar ninguém que não tenha salvo-conduto – afirmou soturnamente o decurião, bicando a areia com a ponta da haste da alabarda e, com isso, acrescentando o detalhe final a seu desenho.

– Bem, diante disso, teremos de seguir pela margem esquerda – falou o bruxo. – É verdade que o caminho para Hengfors vai ficar mais longo, mas se não há outra saída...

– Para Hengfors? – espantou-se o bardo. – Quer dizer que você não está seguindo Niedamir? Não vai procurar o dragão?

– Que dragão? – interessou-se Três Galhas.

– Então vocês não sabem? Realmente? Vejo que vou ter de lhes contar tudo. Disponho de muito tempo, pois também estou retido aqui na esperança de aparecer algum conhecido com salvo-conduto. Sentem-se, por favor.

– Um momento – disse Três Galhas. – O sol já está a três quartos do zênite e estou morrendo de sede. Não vamos ficar conversando com a garganta seca. Tea, Veá, deem um pulo até o vilarejo e comprem uma barrica de cerveja.

– O senhor me agrada, senhor...

– Borch, mais conhecido como Três Galhas.

– Jaskier, chamado de Inigualável por umas e outras donzelas.

– Conte logo, Jaskier – impacientou-se Geralt. – Não vamos ficar aqui até o fim do dia.

O bardo pegou o alaúde e dedilhou as cordas.

– Como vocês preferem: na versão simples ou na poética?

– Na simples.

– Muito bem – concordou Jaskier, sem largar o alaúde. – Então, ouçam, distintos senhores, o que ocorreu há uma semana na não mui distante cidade franca chamada Holopole. À tênue claridade da aurora, mal o solzinho matinal lançara seus raios róseos sobre a esvoaçante névoa dos prados...

– Você disse que seria simples – lembrou-lhe o bruxo.

– E não está sendo? Ah, compreendo. Devo ser breve e deixar as metáforas de lado. Pois bem: um dragão sobrevoou os pastos de Holopole.

– Eehh – falou Geralt. – Isso me parece muito pouco

provável. Há anos ninguém vê um dragão por estas bandas. Não teria sido um simples osluzgo? Alguns deles chegam a ser tão grandes que...

– Não me ofenda, bruxo. Sei o que estou falando. Por mero acaso estive na feira de Holopole e pude vê-lo com os próprios olhos. Já preparei uma balada sobre ele, mas vocês não quiseram ouvi-la...

– E continuamos não querendo. Prossiga com seu relato. Ele era grande?

– Tinha o comprimento de três cavalos, com a anca não muito maior que a de um, mas muito gordo. E era acinzentado.

– Quer dizer, verde.

– Sim. Apareceu voando repentinamente, não se sabe de onde, desabou sobre um rebanho de ovelhas, espantou os pastores, matou uma dúzia de ovelhas, devorou quatro delas e partiu.

– E partiu... – repetiu Geralt, meneando a cabeça. – Isso é tudo?

– Não. No dia seguinte, apareceu de novo, só que mais perto da cidade. Mergulhou sobre um grupo de mulheres que lavavam roupa no rio Braa. Vocês não podem imaginar a gritaria! Jamais ri tanto em toda a vida. O dragão sobrevoou Holopole um par de vezes e seguiu para o pasto, onde voltou a atacar as ovelhas. Foi quando realmente começou uma grande confusão, porque, até então, as pessoas não deram muito crédito ao relato dos pastores. O prefeito mobilizou a guarda municipal, mas, antes de esta entrar em forma, a plebe tomou o assunto em suas mãos... e o resolveu de maneira satisfatória.

– Como?

– Lançando mão de um interessante expediente popular. O mestre sapateiro local, um tal de Comecabras, inventou um sistema para derrotar o réptil. Mataram uma ovelha e a rechearam com heléboro, beladona, cicuta, pólvora e piche de sapateiro. Para completar, o farmacêutico local adicionou dois quartos de litro de sua mistura contra tumores, e o sacerdote do templo de Kreve fez umas rezas sobre o cadáver. Depois, colocaram a assim preparada ovelha entre as demais, apoiando-a numa estaca. A bem da verdade, ninguém esperava que o dragão ficasse tentado por aquela merda fedorenta, mas a realidade ultrapassou todas as expectativas. Desprezando as ovelhas vivas, que baliavam sem cessar, o réptil engoliu a isca com a estaca.

– E o que aconteceu em seguida? Conte logo, Jaskier.

– E por acaso estou fazendo algo diferente? Estou contando. Em menos tempo do que um homem experiente leva para desamarrar o espartilho de uma dama, o dragão começou a urrar e a soltar fumaça, tanto pela frente como por trás. Virava cambalhotas, tentava alçar voo, mas logo caía. Por fim, ficou imóvel. Dois voluntários se ofereceram para se aproximar e se certificar de que o dragão estava definitivamente morto: o coveiro local e o idiota da cidade, engendrado pela filha de um lenhador violada por um destacamento de mercenários que passava por Holopole ainda nos tempos da revolta do voivoda Nurybob...

– Como você mente, Jaskier!

– Não minto, apenas exagero. São duas coisas distintas.

– Não muito. Mas continue seu relato e não desperdice mais tempo.

– Como eu ia dizendo, o coveiro e o valente idiota foram até o bicho, e nós, mais tarde, erguemos para eles um

túmulo... pequeno, porém agradável aos olhos.

– Ah! – falou Borch. – Quer dizer que o dragão continuava vivo.

– E como! – respondeu Jaskier alegremente. – Estava vivo, mas tão fraco que não comeu nem o coveiro nem o idiota. Apenas lambeu o sangue deles. Depois, para desapontamento geral, voou para longe, decolando com grande dificuldade. A cada légua e meia caía com estrondo, erguendo-se logo em seguida. Em alguns momentos chegou a andar, arrastando as patas traseiras. Os mais atrevidos foram atrás dele, mantendo contato visual. E vocês sabem o que aconteceu?

– Não.

– O dragão se meteu numa garganta dos Montes Desnudos, perto da nascente do rio Braa, e sumiu numa das grutas de lá.

– Agora está tudo claro – disse Geralt. – O dragão certamente vivia em estado letárgico naquelas cavernas havia séculos; já ouvi falar de casos semelhantes. E ali deve estar escondido seu tesouro. Agora compreendo por que fecharam a ponte. Alguém quer se apossar do tesouro... e esse alguém é Niedamir de Caingorn.

– Precisamente – confirmou o trovador. – Toda Holopole está fervendo por causa disso, porque seus habitantes acham que o dragão e o tesouro pertencem a eles, mas não têm coragem suficiente para entrar em conflito com Niedamir. Embora o rei seja um garoto que nem começou a fazer barba, já demonstrou que não vale a pena provocá-lo. Ele tem especial interesse naquele dragão, e foi por isso que reagiu tão rápido.

– Você quis dizer que ele tem especial interesse no tesouro.

– Não, Niedamir está mesmo mais interessado no dragão

do que no tesouro, porque, saibam vocês, ele está de olho em Malleore, um reino vizinho ao seu, no qual, com a súbita e muito estranha morte do príncipe, restou uma princesa com a idade... se é que posso me expressar dessa maneira... apropriada para ser levada para a cama. Os nobres de Malleore olham atravessado para Niedamir e os demais concorrentes, pois sabem que um novo governante encurtaria suas rédeas, hoje afrouxadas nas mãos da jovem soberana. Diante disso, desencavaram uma velha e empoeirada profecia segundo a qual a coroa e a mão da princesa seriam daquele que derrotasse um dragão. Como fazia séculos ninguém via um dragão, acreditavam que estavam seguros. Se Niedamir quisesse, poderia tomar Malleore à força, não dando a menor atenção a lendas antigas. Entretanto, quando surgiu a notícia sobre o dragão de Holopole, ele percebeu que poderia derrotar a nobreza malleorina com as próprias armas. Caso lá aparecesse carregando a cabeça de um dragão, seria acolhido pelo povo como um monarca enviado pelos deuses, e os nobres não teriam coragem de dar um pio. E então, vocês ainda acham estranho ele partir no encalço do dragão como um cão atrás de uma lebre? Principalmente de um que mal consegue se manter de pé? Para ele, aquilo é uma pechincha, um golpe de sorte, um sorriso da fortuna.

– Então foi por isso que ele fechou as estradas. Para bloquear a concorrência.

– Evidentemente. E não só a concorrência, como também os habitantes de Holopole. Além disso, ele despachou mensageiros com salvo-condutos para quem estivesse disposto a matar o dragão, porque Niedamir não está muito inclinado a entrar ele mesmo na caverna, com apenas uma espada na mão. E, assim, foram convocados às pressas os mais

famosos caçadores de dragões, a maioria dos quais você, Geralt, deve conhecer.

– É bem possível. Quem veio?

– Em primeiro lugar, Eyck de Denesle.

– Que dro... – O bruxo assoviou baixinho. – O pio e virtuoso Eyck, o cavaleiro sem medo e sem mácula em pessoa.

– Você o conhece, Geralt? – indagou Borch. – Ele é realmente um grande caçador de dragões?

– E não somente de dragões. Eyck é capaz de dar cabo de qualquer monstro. Matou diversos grifos e manticoras. Também ouvi que deu fim a alguns dragões. Ele é muito bom, mas prejudicial a meus negócios, porque não cobra por seus serviços. Quem mais veio, Jaskier?

– Os Rachadores de Crinfrid.

– Ah, é? Então o dragão já pode ser considerado morto, mesmo que tenha se recuperado. Aqueles três não são de brincadeira; lutam de maneira desleal, porém extremamente eficaz. Acabaram com todos os osluzgos e forcaudos da Redânia e, à mesma época, mataram três dragões vermelhos e um negro, o que não deixa de ser um grande feito. Mais alguém?

– Sim. Um grupo de seis anões; cinco barbudos comandados por Yarpen Zigrin.

– Não sei quem é ele.

– Mas deve ter ouvido falar do dragão dos Montes Quartzíferos.

– Sem dúvida. Não só ouvi, como cheguei a ver algumas pedras provenientes de seu tesouro. Havia entre elas safiras de cores jamais vistas e diamantes do tamanho de cerejas.

– Pois saiba que foram exatamente Yarpen Zigrin e seu

bando que deram fim àquele dragão. Até compuseram uma balada sobre esse feito, mas muito fraca, porque não é de minha autoria. Você nada perdeu se não a ouviu.

– E esses são todos?

– Sim, sem contar você. Você afirmou que não sabia do dragão, o que talvez até seja verdade. Agora, porém, você sabe. E então?

– Então, nada. Já lhe disse que não tenho interesse nesse dragão.

– Muito esperto, Geralt, tendo em vista que você não dispõe de salvo-conduto.

– Repito que não estou interessado nesse dragão. Mas não consigo entender o que você está fazendo aqui. O que o atraiu tanto para estas bandas?

– O de sempre – respondeu o trovador. – É preciso estar perto dos acontecimentos e das atrações. Vai se falar muito da luta com esse dragão e, embora eu possa facilmente compor uma balada com base num relato, ela soará muito melhor se entoada por alguém que presenciou o confronto com os próprios olhos.

– Um confronto? – gracejou Três Gralhas. – Será algo mais parecido com a matança de um porco ou o esquartejamento de um cadáver. Ouço vocês e não consigo controlar meu espanto. Guerreiros famosos que vêm para cá a pleno galope para dar cabo de um já quase morto dragão envenenado por um patife. Não sei se devo rir ou vomitar.

– Você se engana – retrucou Geralt. – Como o dragão não morreu de imediato, seu organismo deve tê-lo livrado do veneno e a besta está totalmente recuperada. Mas isso não tem importância alguma, pois os Rachadores de Crinfrid vão matá-lo de qualquer modo, num confronto digno de ser visto.

– Devo entender que serão os Rachadores que darão cabo dele?

– Evidentemente.

– Não tanto assim – falou o até então calado decurião-artista. – Um dragão é um ser mágico e só poderá ser morto com magia. Se alguém vai acabar com ele, será aquela feiticeira que passou ontem por aqui.

– Quem? – perguntou Geralt, repentinamente atento.

– Uma feiticeira – repetiu o decurião. – Foi o que acabei de dizer.

– Ela se identificou? Disse seu nome?

– Disse, mas o esqueci. Ela tinha salvo-conduto. Era jovem e até atraente à sua maneira, mas seus olhos... Os senhores sabem do que estou falando: um simples olhar dela já nos arrepiava.

– Você sabe quem poderia ser ela, Jaskier?

– Não – respondeu o bardo, com uma careta. – Jovem, bonita e olhos que impressionam... Grande definição! Todas elas são assim. Nenhuma das que conheci, e você bem sabe que conheci muitas, aparentava ter mais do que 25, 30 anos, e, segundo se fala, muitas delas se lembram dos tempos em que havia uma floresta onde hoje fica Novigrad. Afinal, para que servem os elixires de mandrágora? E elas ainda pingam gotas de mandrágora nos olhos para que brilhem. Mulheres serão sempre mulheres.

– Ela era ruiva? – perguntou o bruxo.

– Não – respondeu o decurião. – Morena.

– E qual era a cor de seu cavalo? Castanho, com uma estrela branca no focinho?

– Não, negro. E eu afirmo aos senhores que será ela quem

matará o dragão. Um dragão é serviço para feiticeiros. As forças humanas não podem com ele.

– Gostaria de saber o que diria disso o sapateiro Comecabras – riu Jaskier. – Caso ele tivesse à mão algo mais forte do que apenas heléboro e beladona, a pele do dragão estaria secando na paliçada de Holopole, a balada teria sido composta e eu não precisaria estar desbotando neste sol infernal...

– Por que Niedamir não levou você com ele? – indagou Geralt, olhando de esguelha para o poeta. – Pelo que me consta, você estava em Holopole quando ele partiu. Será que o rei não gosta de artistas? O que o fez ficar desbotando ao sol, em vez de tocar seu alaúde junto dos estribos do monarca?

– Foi por culpa de uma jovem viúva, que o diabo a carregue – falou Jaskier soturnamente. – Fiquei brincando com ela mais tempo do que devia, e, quando me dei conta, dois dias depois, Niedamir e sua trupe já tinham atravessado o rio. Levaram com eles até Comecabras e batedores da milícia holopolina; só se esqueceram de mim. Tento explicar isso ao decurião, mas ele insiste em sua ladainha...

– Se tem salvo-conduto, deixo passar... – falou o alabardeiro, impassível, urinando na parede do posto aduaneiro. – Se não tem, não deixo. São as ordens que recebi...

– Olhem! As meninas estão retornando com a cerveja – interrompeu-o Três Gralhas.

– E não estão sozinhas – acrescentou Jaskier, pondo-se de pé. – Olhem só para aquele corcel. Parece um dragão.

Vindo do bosque de álamos, as duas zerricanas flanqueavam, trotando, um cavaleiro montado num gigantesco e aguerrido garanhão.

O bruxo também se ergueu.

O cavaleiro trajava um aveludado gibão cor de violeta com galões prateados e um curto casaco forrado de zibelina. Sentado ereto sobre a sela, olhava para eles com grande empáfia. Geralt conhecia aquele tipo de olhar, que não lhe agradava nem um pouco.

– Saudações a todos. Sou Dorregaray – apresentou-se o desconhecido, descendo lenta e dignamente do cavalo. – Mestre Dorregaray. Feiticeiro.

– Mestre Geralt. Bruxo.

– Mestre Jaskier. Poeta.

– Borch, chamado de Três Gralhas. Quanto a minhas garotas, que neste momento estão destampando a barrica, o senhor já as conheceu.

– É verdade – falou o feiticeiro, sem um traço de sorriso. – Eu e as belas guerreiras de Zerricânia já nos cumprimentamos.

– Muito bem; então bebamos para celebrar este encontro – sugeriu Jaskier, distribuindo recipientes de couro trazidos por Vea. – Senhor Borch, devo servir também o decurião?

– Claro. Venha se juntar a nós, bravo guerreiro.

– Imagino – disse o feiticeiro, depois de tomar um pequeno e discreto gole de cerveja – que os senhores estão aqui, junto desta cancela, pelo mesmo motivo que me trouxe para cá, não é verdade?

– Se o que o senhor tem em mente é o dragão, senhor Dorregaray – afirmou Jaskier –, então sim. De minha parte, gostaria de estar lá para compor uma balada. Infelizmente, o decurião aqui presente, um homem incivilizado, não quer deixar-me passar. Exige um salvo-conduto.

– Peço mil perdões – falou o alabardeiro, bebendo um

pouco de cerveja e estalando a língua –, mas me deram ordens, sob pena de me cortarem a garganta, para não deixar passar ninguém que não tivesse salvo-conduto. E, segundo se comenta, toda Holopole está pronta para partir para as montanhas atrás daquele dragão. Minhas ordens...

– Suas ordens, soldado – retrucou Dorregaray, franzindo o cenho –, têm a ver com a ralé que poderia causar confusão, com mulheres vadias capazes de espalhar doenças e com toda espécie de plebe ignara, escória social e gentalha... mas, decididamente, não comigo.

– Não deixarei passar ninguém sem salvo-conduto – enfureceu-se o decurião. – Juro por tudo o que é mais sag...

– Não jure em vão – interrompeu-o Três Galhas. – Em vez disso, tome mais um trago. Tea, sirva o valente guerreiro. E vamos sentar-nos. Beber de pé, às pressas e sem a dignidade que esse ato merece, não condiz com pessoas tão nobres como nós.

Todos se sentaram sobre as vigas em torno da barrica. O alabardeiro recém-promovido a nobre enrubesceu de satisfação.

– Beba, destemido centurião – encorajava-o Três Galhas.

– Não sou centurião, e sim apenas decurião. – O alabardeiro corou ainda mais.

– Mas, seguramente, será um centurião em pouco tempo – falou Borch, arreganhando os dentes. – Você tem boa cabeça e sua promoção é certa.

Dorregaray, recusando uma nova rodada de bebida, virou-se para Geralt.

– Na cidade ainda se fala daquele basilisco, nobre bruxo, e, pelo que vejo, você já está indo atrás de um dragão –

murmurou. – Estou curioso: é por premente necessidade de recursos ou por puro prazer que você assassina seres ameaçados de extinção?

– Estranha curiosidade – respondeu Geralt –, especialmente vindo de alguém que se esforça tanto para chegar a tempo da matança de um dragão com o intuito de arrancar-lhe os dentes, tão preciosos na preparação de medicamentos e elixires. É verdade, senhor feiticeiro, que os dentes arrancados de um dragão ainda vivo são os mais valiosos?

– E você tem certeza de que é por isso que estou aqui?

– Tenho. Só que alguém se adiantou a você, Dorregaray. Antes de sua chegada, passou por aqui uma confreira sua com um salvo-conduto que você não possui. Uma morena, caso queira saber.

– Montada num corcel negro?

– Ao que parece.

– Yennefer – murmurou Dorregaray, com ar soturno. O bruxo sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, mas ninguém percebeu.

Seguiu-se um momento de silêncio, interrompido pelo arroteo do futuro centurião.

– A ninguém... sem salvo-conduto...

– Duzentos lintares serão suficientes? – perguntou calmamente Geralt, sacando a bolsa que recebera do gordo prefeito.

– Geralt – sorriu enigmaticamente Três Galhas –, pelo jeito...

– Queira me desculpar, Borch – interrompeu-o o bruxo. – Sinto muito, mas não irei com vocês até Hengfors. Talvez da

próxima vez. Quem sabe se não nos encontraremos novamente?

– Não há nada que me obrigue a seguir para Hengfors – falou lentamente Três Gralhas. – Absolutamente nada.

– Guarde essa bolsa com dinheiro, senhor – falou ameaçadoramente o futuro centurião. – O senhor está querendo me subornar, mas saiba que nem por trezentos lintares eu o deixaria passar.

– E por quinhentos? – perguntou Borch, pegando sua bolsa. – Guarde seu dinheiro, Geralt, e deixe que eu pague o pedágio. Esta história está começando a me divertir. Quinhentos, nobre soldado. Cem por cabeça, contando minhas meninas como uma só, mas linda. E então?

– Ai, ai – lamentou-se o futuro centurião, guardando sob o casaco a bolsa de Borch. – O que direi ao rei?

– Você lhe dirá – falou Dorregaray, empertigando-se e tirando de trás do cinturão uma vareta de marfim ornamentada – que se assustou com o que viu.

– E o que foi que vi, senhor?

O feiticeiro fez um gesto com a vareta e gritou um encanto. O pinheiro que crescia à beira do rio explodiu, cobrindo-se imediatamente de enormes labaredas, desde a raiz até a copa.

Jaskier ergueu-se de um pulo, colocou o alaúde às costas e berrou:

– Aos cavalos! Aos cavalos, meus senhores e minhas senhoras!

– Levantar a cancela! – ululou o rico alabardeiro, com grandes chances de se tornar centurião.

Do outro lado da cancela, Vea puxou as rédeas, e seu

cavalo galopou com estrondo sobre as tábuas da ponte. A jovem, com suas tranças esvoaçando ao vento, soltou um grito de guerra.

– É isso mesmo, Veá! – entusiasmou-se Três Gralhas. – Vamos em frente, senhores. Cavalgaremos à zerricana: com estrondo e sibilação!

IV

– Ora, vejam – falou Boholt, o mais velho dos Rachadores, cujo torso mais parecia o tronco de um velho carvalho. – Niedamir não os dispersou pelos quatro cantos do mundo, embora, meus senhores, eu tenha imaginado que ele faria exatamente isso. Não cabe a nós, simples vassalos, questionar as decisões reais. Portanto, sejam bem-vindos à nossa fogueira e armem seu acampamento. E, cá entre nós, bruxo, sobre o que você conversou com o rei?

– Sobre nada – respondeu Geralt, ajeitando mais confortavelmente a cabeça na sela colocada próxima do fogo. – Ele nem se dignou de sair da tenda. Apenas enviou seu factótum, cujo nome agora me escapa...

– Gyllenstiern – soprou-lhe Yarpén Zigrin, um anão corpulento e barbudo, enquanto atirava ao fogo um pesado tronco arrastado do meio do mato. – Trata-se de um bobão arrogante, um porco seboso. Assim que chegamos, ele apareceu com o nariz empinado e, cheio de empáfia, ficou nos alertando sobre quem está no comando aqui, a quem devemos obedecer, que a palavra do rei tem o peso de lei e outras bobagens desse teor. Fiquei ouvindo aquilo e até pensei em mandar meus garotos derrubá-lo e tirar seu casaco para que eu mijasse nele, mas desisti para evitar que voltassem a

circular boatos de que os anões são malvados, agressivos, filhos da puta, que é impossível... como se diz?... ah, sim... que é impossível coexistir com eles, o que resultaria em novas perseguições contra nós em alguma cidade. Por isso, ouvi aquela baboseira caladinho, meneando a cabeça.

– Pelo jeito, o senhor Gyllenstiern não sabe dizer nada além disso – observou Geralt –, porque foi exatamente o que nos disse, e nós também tivemos de ouvir meneando a cabeça.

– Pois eu teria preferido – disse outro Rachador, colocando mais lenha na fogueira – que Niedamir tivesse expulsado vocês. É incrível a quantidade de pessoas que estão vindo para cá. Um autêntico formigueiro humano. Isto aqui não é mais uma caçada, mas um cortejo fúnebre, e não me agrada a ideia de combater no meio de uma multidão.

– Deixe disso, Devasto – repreendeu-o Boholt. – É muito mais agradável viajar em grupo. Até parece que você nunca participou de uma caçada a dragões. A possibilidade de pegar um dragão sempre atrai uma porção de pessoas, quase como uma feira ou um lupanar móvel. No entanto, assim que o réptil aparece, você sabe muito bem quem fica no campo. Nós, e ninguém mais.

Boholt calou-se por um momento, sorveu um longo trago de um garrafão coberto de musgo, estalou os lábios e pigarreou.

– Por outro lado – continuou –, a prática tem demonstrado que, por mais de uma vez, somente após a morte do dragão é que começa a verdadeira matança, com cabeças caindo como ervilhas. É na hora de repartir o tesouro que os caçadores saltam ao pescoço uns dos outros. Não é assim, Geralt? Não estou certo? Geralt, estou falando com você.

– Conheço casos desse tipo – respondeu o bruxo

secamente.

– Conhece, diz você. Só se for de ouvir, porque nunca recebi a notícia de você ter caçado um dragão. Em toda minha vida, jamais ouvi falar de um bruxo que caçasse dragões. Portanto, acho muito estranha sua presença entre nós.

– É verdade – falou lenta e enfaticamente Kennet, o mais jovem dos Rachadores, apelidado Penhorisco. – Isso é muito estranho, e nós...

– Espere um momento – interrompeu-o Boholt. – Sou eu que estou falando. Aliás, não pretendo alongar-me. O bruxo sabe aonde quero chegar. Eu o conheço e ele me conhece. Até agora, nunca atrapalhamos um ao outro e acho que continuaremos agindo assim. Porque vocês hão de convir que, se eu, por exemplo, fosse atrapalhar seu trabalho ou roubasse um butim debaixo de seu nariz, ele logo me acertaria com a lâmina de sua espada, ato ao qual ele teria todo o direito. Estou certo, rapazes?

Ninguém concordou nem discordou; a bem da verdade, Boholt não parecia muito interessado numa resposta a sua indagação.

– Pois é – continuou ele. – Como já disse, viajar em grupo é muito mais agradável, e o bruxo pode continuar em nossa companhia. Esta região é selvagem e deserta, e, caso sejamos atacados por uma quimera, uma heteroptera ou uma estrige, não teremos problemas com Geralt por perto, porque essa é sua especialidade. Um dragão, porém, não é especialidade dele, não é verdade?

Novamente, ninguém confirmou ou negou.

– O senhor Três Gralhas – prosseguiu Boholt, passando o garrafão ao líder dos anões – está viajando com Geralt, e isso me basta. Portanto, quem está atrapalhando vocês? Não posso

acreditar que seja Jaskier.

– Jaskier – falou Yarpem Zigrin, entregando o garrafão ao bardo – sempre aparece onde algo interessante vai acontecer, e todos sabem que ele não vai estorvar, nem ajudar, nem mesmo atrasar nossa marcha. É como uma pulga na cauda de um cachorro. Concordam, meninos?

Os corpulentos e barbudos “meninos” riram alegremente, sacudindo a barba. Jaskier puxou seu chapeuzinho para trás e sorveu um gole do garrafão.

– Oooh, que merda – gemeu, arfando. – Cheguei a perder a fala. De que é feita esta porcaria? De escorpiões?

– Só uma coisa me desagrada, Geralt – disse Penhorisco, pegando o garrafão do menestrel. – O fato de você ter trazido aquele feiticeiro. Já temos feiticeiros suficientes.

– É verdade – o anão aproveitou a deixa. – Penhorisco está coberto de razão. Precisamos desse Dorregaray como um porco precisa de uma sela. Já temos nossa feiticeira, a mui distinta Yennefer.

– Pois é – falou Boholt, coçando seu pescoço taurino, do qual acabara de desprender uma armadura de couro coberta de puas de aço. – Temos feiticeiros demais entre nós, meus senhores. Para ser exato, dois. E, para meu gosto, eles estão muito apegados a Niedamir. Olhem para nós aqui, debaixo destas estrelas e sentados ao relento em volta de uma fogueira, enquanto eles, meus senhores, ficam na tenda real, no bem-bom, aquecidos e confabulando. Niedamir, a bruxa, o feiticeiro e Gyllenstiern, dos quais Yennefer é a pior. E querem saber o que eles tramam tanto? Estão procurando a melhor maneira de nos chutar o traseiro.

– E se deliciam com carne de cervo – acrescentou Penhorisco soturnamente –, enquanto o que nós comemos?

Uma marmota. E o que é uma marmota?, pergunto. Nada mais do que um rato. Eis o que comemos: um rato!

– Não faz mal – falou Devasto. – Em breve poderemos nos deliciar com uma cauda de dragão. Não há iguaria que se iguale a uma cauda de dragão assada na brasa.

– Yennefer – prosseguiu Boholt – é uma mulher horrível, malvada e respondona. Ela não é como suas garotas, senhor Borch, quietas e simpáticas. Olhem para elas: estão sentadinhas junto de seus cavalos e afiam suas espadas, e, quando passei perto delas, soltei uma gracinha e elas sorriram mostrando seus dentinhos. Sim, elas me agradam, ao contrário de Yennefer, que vive tramando sem cessar. Digo a vocês que precisamos ficar atentos para que nosso trato não acabe em merda.

– A que trato você está se referindo, Boholt? – indagou Geralt.

– O que você acha, Yarpen? Podemos contar ao bruxo?

– Não vejo impedimento algum – respondeu o anão.

– Acabou a vodca – falou Penhorisco, virando o garrafão de cabeça para baixo.

– Então traga mais. Você é o mais jovem de todos. Quanto ao trato, Geralt, nós o arquitetamos porque não somos mercenários nem uns esbirros que Niedamir possa mandar para lutar com um dragão em troca de algumas moedas de ouro. A verdade é que nós podemos dar conta dele sem Niedamir, enquanto Niedamir não pode prescindir de nossos serviços. Isso demonstra claramente quem vale mais e quem deve receber a parte mais substancial. Então, adotamos um critério extremamente justo: os que derrotarem o dragão num combate direto terão direito à metade do tesouro. Niedamir, em razão de sua nobre origem e de seu título,

levará um quarto. Os demais dividirão entre si por igual o quarto restante. O que você acha disso?

– E qual foi a reação de Niedamir?

– Não falou nem sim, nem não. Mas é melhor ele não se meter, pois, como já disse, ele não está em condições de lançar-se sozinho contra o dragão e terá de contar com profissionais, ou seja, conosco, os Rachadores, e Yarpen Zigrin e seus rapazes. Seremos nós, e ninguém mais, que enfrentaremos diretamente o dragão. Quanto aos outros, nos quais incluo os feiticeiros, caso nos ajudem de maneira honesta, poderão dividir entre si um quarto do tesouro.

– E quem mais, além dos feiticeiros, vocês incluem nesses “outros”? – interessou-se Jaskier.

– Certamente não músicos e versejadores – riu Yarpen Zigrin. – Incluímos aqueles que trabalham com armas, e não com alaúdes.

– Ah! – falou Três Gralhas, olhando para o céu estrelado. – E com o que trabalhará o sapateiro Comecabras e sua patuleia?

Yarpen Zigrin deu uma cusparada na fogueira, murmurando algumas palavras na língua dos anões.

– A milícia de Holopole conhece estas serras de merda e nos tem fornecido guias – falou Boholt em voz baixa –, de modo que nada seria mais justo do que deixar seus membros participarem da divisão. Já no caso do sapateiro, a questão é outra. Não seria bom a plebe chegar à conclusão de que, quando aparece um dragão em sua vizinhança, basta dar-lhe um venozinho e continuar se divertindo com as garotas em montes de feno, em vez de chamar os profissionais. Se esse costume se firmar, acho que nós acabaremos virando mendigos, não é verdade?

– Sem dúvida – confirmou Yarpem. – E é por isso que digo a vocês que algo ruim tem de acontecer àquele sapateiro, antes de o filho da puta tornar-se lenda.

– Se tem de acontecer, então acontecerá – disse Devasto, enfático. – Podem deixar por minha conta.

– E Jaskier – acrescentou o anão – vai ridicularizá-lo em sua balada, cobrindo seu nome de vergonha e ignomínia por séculos e séculos.

– Vocês se esqueceram apenas de um detalhe – falou Geralt. – Há entre nós um homem que poderá frustrar seu plano. Um homem que se recusará a participar de quaisquer acordos. Refiro-me a Eyck de Denesle. Vocês chegaram a abordar o assunto com ele?

– E de que serviria isso? – perguntou Boholt, ajeitando as toras na fogueira. – Não dá para conversar com Eyck. Ele não entende de negócios.

– Nós passamos por ele quando estávamos chegando ao acampamento de vocês – contou Três Gralhas. – Estava vestido com uma armadura e olhava para o céu, ajoelhado sobre umas pedras.

– Ele costuma agir assim – disse Penhorisco. – Fica rezando ou meditando. Afirma que isso lhe é necessário porque recebeu dos deuses a incumbência de defender os seres humanos de todo o Mal.

– Lá em nossa terra, em Crinfrid – murmurou Boholt –, mantemos pessoas desse tipo em estábulos, presas por uma corrente, e lhes damos pedaços de carvão para que pintem coisas maravilhosas nas paredes. Mas vamos parar de fofocar e passemos a tratar de negócios.

No círculo da luz da fogueira surgiu repentinamente uma mulher de cabelos negros presos por uma rede dourada e

envolta numa capa negra.

– Que fedor é esse? – perguntou Yarpen Zigrin, fingindo não tê-la visto. – Será de enxofre?

– Não – respondeu Boholt, olhando para um lado e fungando de maneira ostensiva. – É almíscar ou outra substância malcheirosa.

– Não, acho que é... – O anão fez uma careta. – Sim! É a distinta Yennefer! Seja bem-vinda!

A feiticeira percorreu lentamente o olhar pela assembleia, detendo por um instante os olhos brilhantes na figura do bruxo. Geralt sorriu discretamente.

– Posso sentar-me junto de vocês?

– Mas é claro que sim, nossa benfeitora – disse Boholt, soltando um soluço. – Sente-se aqui, nesta sela. Mova a bunda daí, Kennet, e ceda a sela para a distinta feiticeira.

– Pelo que ouvi, os senhores estão tratando de negócios. – Yennefer sentou-se, esticando as bem torneadas pernas enfiadas em meias pretas. – Sem minha presença?

– Nós não ousamos – disse Yarpen Zigrin – incomodar uma pessoa tão importante.

– Quanto a você, Yarpen – Yennefer virou-se na direção do anão, com os olhos semicerrados –, o melhor que pode fazer é ficar calado. Desde o primeiro dia você me trata como se eu fosse feita de ar, portanto continue assim, sem se incomodar, porque, para ser sincera, eu também não me incomodo.

– Mas o que a senhora está dizendo, distinta dama? – sorriu Yarpen, mostrando uma fileira de dentes irregulares. – Que eu seja devorado por pulgas caso eu a tratasse pior do que o ar. Estando sozinho ao ar livre, eu poderia peidar e infestá-lo, algo que jamais ousaria fazer em sua presença.

Os “meninos” barbudos explodiram numa gargalhada, mas imediatamente se calaram à visão de uma azulada aura que, repentinamente, envolveu a feiticeira.

– Mais uma palavra, Yarpen, e será você quem se transformará em ar estragado – falou ela, com voz metálica. – E sobrarão apenas uma poça negra na grama.

– Vamos parar com isso – pigarreou Boholt, desanuviando um pouco o ambiente e interrompendo o silêncio que se seguira. – Mantenha a boca calada, Zigrin, e vamos ouvir o que nos tem a dizer a senhora Yennefer. Ela se queixou de que discutíamos negócios sem sua participação, o que me faz crer que ela tem uma proposta a nos fazer. Escutemos, portanto, o teor dessa proposta, desde que não seja a de ela, usando apenas sua magia, matar o dragão sozinha, sem ajuda alguma de nossa parte.

– E por que não? – perguntou Yennefer, erguendo orgulhosamente a cabeça. – Você acha que eu não sou capaz, Boholt?

– Talvez até seja. Mas, para nós, isso seria péssimo, porque na certa a senhora exigiria a metade do tesouro do dragão para si.

– No mínimo – respondeu a feiticeira friamente.

– Pois é. Como todos podem constatar, isso não seria um bom negócio para nós. É preciso que a senhora saiba que somos apenas pobres guerreiros, e, se o butim nos escapar debaixo do nariz, a fome baterá a nossa porta. Nós nos alimentamos somente com azedinha e cevada...

– E é uma festa quando conseguimos caçar uma marmota – acrescentou Yarpen Zigrin tristemente.

– E bebemos somente água pura – falou Boholt, sorvendo um gole do garrafão e fazendo uma careta. – Para nós,

digníssima senhora Yennefer, não há saída. Ou um butim, ou ficar debaixo de uma ponte morrendo de frio, porque as estalagens custam caro.

– Sem mencionar o preço da cerveja – interveio Devasto.

– Nem o das jovens despudoradas... – entorneceu-se Penhorisco.

– E será por isso – disse Boholt, olhando para o céu – que nós mataremos o dragão sozinhos, sem quaisquer feitiços e sem a ajuda da senhora.

– Você está tão certo disso? Não se esqueça de que há limite para o que é possível, Boholt.

– Talvez até haja, mas nunca deparei com um. Não, minha senhora. Volto a repetir que mataremos o dragão sozinhos, sem quaisquer feitiços.

– Sobretudo – acrescentou Yarpem Zigrin – porque os feitiços também têm lá seus limites de possibilidades, que, ao contrário dos nossos, nós desconhecemos.

– Você chegou sozinho a essa brilhante conclusão – indagou lentamente Yennefer – ou alguém lhe soprou? Não será a presença do bruxo nesta nobre assembleia que lhes permite tanta petulância?

– Não – respondeu Boholt, olhando para Geralt, que parecia dormir, estendido preguiçosamente sobre uma coberta, com a cabeça apoiada numa sela. – O bruxo não tem nada a ver com isso. Ouça-me bem, distinta Yennefer. Nós fizemos ao rei uma proposta e ele ainda não nos honrou com uma resposta. Como somos muito pacientes, aguardaremos até amanhã cedo. Se o rei aceitar o trato, seguiremos juntos em frente. Se não aceitar, daremos meia-volta e iremos embora.

– Nós também – rosnou o anão.

– Além disso, não estamos dispostos a qualquer tipo de barganha – continuou Boholt. – A resposta tem de ser simples: sim ou não. Portanto, distinta Yennefer, tenha a bondade de transmitir nossas palavras a Niedamir. Quanto ao trato, quero que saiba que ele pode ser vantajoso para a senhora e para Dorregaray, pois a única parte do cadáver do dragão que nos interessa é a cauda; o resto poderá ficar para vocês. Não regatearemos nem os dentes, nem o cérebro, nem nada do que vocês precisem para seus feitiços.

– E é óbvio – acrescentou Yarpén Zigrin, com um sorriso sarcástico – que a carniça ficará para vocês, feiticeiros, e para ninguém mais, a não ser que apareçam outros abutres.

Yennefer se levantou, dobrando a capa sobre o braço.

– Niedamir não vai esperar até o amanhecer – falou secamente. – Ele aceita as condições de vocês agora mesmo, embora eu e Dorregaray o tenhamos aconselhado o contrário.

– Niedamir – disse Boholt devagar – revelou uma inteligência surpreendente para um rei tão jovem. Porque para mim, prezada senhora Yennefer, a inteligência consiste, entre outras coisas, em ser capaz de descartar conselhos tolos e hipócritas.

Yarpén Zigrin soltou uma sonora gargalhada.

– Vocês pensarão de outra maneira – afirmou a feiticeira, apoiando as mãos nos quadris – quando amanhã o dragão os esmagar, perfurar e quebrar suas tíbias. Aí, vocês vão querer lambeir minhas botas e implorar por ajuda. Como de costume. Conheço muito bem gente de sua laia! Chego a ficar enjoada.

Yennefer, então, deu-lhes as costas e desapareceu na escuridão, sem uma palavra de despedida.

– Em meus tempos – falou Yarpem Zigrin –, as feiticeiras viviam em torres, liam livros científicos e mexiam em caldeirões de barro com uma colher de pau. Não se enfiavam entre as pernas de guerreiros nem se metiam em nossos negócios. Tampouco rebolavam a bunda diante de rapazes.

– Uma bundinha e tanto, diga-se de passagem – disse Jaskier, afinando seu alaúde. – O que você acha, Geralt? Geralt? Onde se meteu o bruxo?

– E o que nós temos a ver com isso? – grunhiu Boholt, jogando mais lenha na fogueira. – Sumiu. Talvez tenha ido urinar no meio das árvores. É problema dele.

– Certo – concordou o bardo, batendo com os dedos nas cordas do alaúde. – Querem que lhes cante algo?

– Pode cantar à vontade – falou Yarpem Zigrin. – Só não pense que lhe pagarei um litar sequer por seus mugidos. Não estamos numa corte.

– Deu para perceber – respondeu o trovador.

V

– Yennefer.

A feiticeira virou-se fingindo surpresa, embora o bruxo não tivesse dúvida alguma de que ela ouvira seus passos muito tempo antes. Colocou no chão o balde de madeira, endireitou-se e ajeitou as rebeldes madeixas que saíam da rede dourada.

– Geralt.

Como de costume, estava vestida com apenas duas cores: branco e preto. Cabelos negros, longas pestanas negras encobrendo os olhos e exigindo que se adivinhasse sua cor.

Saia preta, casaquinho preto com gola de pele branca, blusa branca do mais puro linho. No pescoço, uma fita de veludo negra adornada com uma estrela de obsidiana cravejada de diamantes.

– Você não mudou nada.

– Nem você. – Yennefer torceu os lábios num simulacro de sorriso. – Isso, em ambos os casos, é normal ou, se preferir, igualmente normal. De qualquer modo, embora falar disso possa ser uma forma adequada de iniciar uma conversa, não me parece fazer nenhum sentido. Você não concorda?

– Concordo – respondeu o bruxo, olhando na direção da tenda do rei Niedamir e das fogueiras dos arqueiros reais semicobertos pelos escuros contornos das carroças. Da outra fogueira, mais distante, chegava a ele a sonora voz de Jaskier cantando “Estrelas sobre o caminho”, uma de suas mais consagradas baladas de amor.

– Muito bem – falou a feiticeira. – Já que deixamos a introdução de lado, aguardo o que virá em seguida.

– Como você pode ver, Yennefer...

– Vejo – cortou-o ela secamente – e não compreendo. Por que veio para cá, Geralt? Não vai dizer-me que foi por causa do dragão, pois imagino que nada tenha mudado em você nesse aspecto.

– Não. Nada mudou.

– Portanto, insisto: o que o fez juntar-se a nós?

– Se eu lhe disser que foi por sua causa, vai acreditar?

Yennefer encarou-o em silêncio, com um brilho desagradável nos grandes olhos negros.

– Acreditarei; por que não? – falou finalmente. – Os homens gostam de reencontrar suas antigas amantes, de

reviver lembranças agradáveis. Eles gostam de imaginar que os momentos de êxtase amoroso de outrora lhes dão uma espécie de posse permanente de sua parceira, até o fim de seus dias. Isso lhes é muito útil para elevar seu estado de ânimo. Pelo que vejo, você, apesar de tudo, não foge à regra.

– Apesar de tudo, Yennefer – sorriu Geralt –, você está certa. Sua visão faz muito bem a meu estado de ânimo. Em outras palavras, estou muito contente em ver você.

– E isso é tudo? Muito bem. Nesse caso, digamos que eu também estou muito contente e, já que é assim, desejo-lhe boa noite. Como pode ver, estou indo dormir. Antes disso, vou me lavar e, para tanto, costumo me despir. Portanto, tenha a bondade de se afastar o suficiente para que eu possa ter alguma privacidade.

– Yen – murmurou Geralt, estendendo as mãos.

– Não me chame assim! – sibilou Yennefer furiosamente, dando um passo para trás e disparando feixes de centelhas azuis e vermelhas da ponta dos dedos na direção de Geralt. – Se você ousar me tocar, queimarei seus olhos, canalha.

O bruxo recuou. A feiticeira, mais calma, voltou a afastar os cabelos que lhe caíam sobre a testa e parou diante dele com os punhos apoiados nos quadris.

– O que você pensou, Geralt? Que teríamos uma conversa agradável recordando os velhos tempos? E que, depois, iríamos juntos até uma dessas carroças e faríamos amor para reavivar as lembranças? Era isso que você tinha em mente?

Geralt, sem saber ao certo se a feiticeira estava lendo sua mente ou simplesmente adivinhava o que lhe passava pela cabeça, permaneceu calado, sorrindo meio sem graça.

– Estes quatro anos serviram para alguma coisa. Estou livre de você e é somente por causa disso que não lhe cuspi na

cara quando o vi. Mas não se iluda com minha aparente gentileza.

– Yennefer...

– Cale-se! Dei-lhe muito mais do que a qualquer outro homem, seu patife. Eu mesma não sei por que justamente a você e em troca de quê... Oh, não, meu caro. Não sou uma vadia ou uma elfa encontrada por acaso numa floresta, a quem se pode abandonar de manhã deixando um buquê de violetas em cima da mesa. A quem se pode expor ao ridículo. Tenha cuidado! Se disser uma única palavra, vai se arrepender amargamente!

Geralt permaneceu calado, sentindo claramente quanta fúria fervia no peito de Yennefer. A feiticeira voltou a afastar as madeixas da testa e fixou os olhos diretamente nos do bruxo.

– Encontramo-nos, que se há de fazer – falou baixinho. – Não vamos dar um espetáculo para todo mundo. Mantenhamos nossa dignidade e finjamos que somos apenas dois conhecidos de longa data. Mas não cometa um erro, Geralt. No que se refere a nós dois, tudo está terminado, entendeu? E se dê por satisfeito por eu ter abandonado certos projetos que, até pouco tempo atrás, tive em mente em relação a você. Isso, porém, não quer dizer de maneira alguma que eu o perdoei. Nunca hei de perdoá-lo. Nunca.

Yennefer, então, virou-se bruscamente, pegou o balde e, respingando água por todos os lados, foi para trás de uma das carroças.

Geralt espantou com a mão um mosquito que insistia em zumbir junto de sua orelha e, lentamente, retornou à fogueira em volta da qual ecoavam discretas palmas dirigidas à performance de Jaskier. Olhou para o céu azul-marinho

visível sobre os picos das montanhas e teve um súbito desejo de rir. Não sabia por quê.

VI

– Tomem cuidado! Prestem atenção! – gritava Boholt, virando-se na sela em direção à coluna. – Mais perto dos rochedos! Fiquem atentos!

As carroças avançavam saltitando sobre os pedregulhos. Os carroceiros, batendo com as rédeas na anca dos cavalos, soltavam palavrões, inclinavam-se cuidadosamente para o lado e verificavam, preocupados, se as rodas estavam suficientemente afastadas da borda do precipício junto do qual passava a estreita trilha irregular. Lá embaixo borbulhava por entre as rochas a límpida água do rio Braa.

Geralt freou a égua, encostando-se à parede de rocha coberta por musgo marrom e florescências brancas parecidas com líquen. Deixou passar a carroça dos Rachadores. Da testa da coluna veio a galope Penhorisco, que, com os batedores de Holopole, conduzia a caravana.

– Muito bem! – berrou. – Movam-se! Mais adiante a trilha fica mais larga!

O rei Niedamir e Gyllenstiern, ambos montados e escoltados por arqueiros, chegaram ao lugar onde se encontrava Geralt. Atrás deles, rolavam com estrondo as carroças com os apetrechos reais e, por fim, vinha a carroça dos anões, conduzida por Yarpen Zigrin, que gritava sem cessar.

Niedamir, um adolescente magricela e sardento, vestido com casaco de peles branco, passou pelo bruxo lançando-lhe um olhar cheio de empáfia e tédio. Gyllenstiern deteve o